

Sobrando Letrinhas ou Rabiscando: Há razão para se falar de crítica literária, agora, na sociedade contemporânea?

Por Andréa Santos & Francesco Luti¹.

Por Andréa Santos:

Na literatura brasileira é na década de 50 que se obtêm o conhecimento do significado importante da crítica em meio à criação e aos gêneros de ficção. Sendo uma atividade reflexiva de investigação e julgamento da literatura, a crítica se mostra com a filosofia e a ciência, apesar de não ser nenhuma das amostras. Chegando ao fim dos anos '50, ela encontra-se dividida em três grupos. Primeiro grupo, os *absolutistas* e *saudosistas* que executavam o seu ofício e construíram fama sobre um tipo de crítica presunçosa e impressionista; de fala irresponsável e insignificante digressão subjetiva; sem cânones e rigor metodológico sob a forma de militância dos rodapés de jornais e que não se dispõem a perder a posição. O segundo grupo, os *tradicionalistas* que se realizavam dentro das vias conservadoras da biografia crítica, sociológica e psicológica; por último, o dos *inovadores* -que buscam um novo caminho para a profissão - baseado de uma rigidez conceitual e metodológica de um conceito independente do fenômeno literário e da possibilidade da sua abordagem criticante das belas artes, visando mais os seus elementos particulares estruturais. Isto é, a própria obra e não às circunstâncias externas que a regularizaram. A estes, o empenho de levantar - nesta ação, uma completa renovação dos estudos literários e uma nova criticaria brasileira à luz de modernos critérios de caráter estético. Graças a este terceiro grupo, o problema dela atinge, no instante, uma fase de autoconsciência, de domínio metodológico e técnico, de repúdio pelo auditatismo e improvisação havendo predileção à formação universitária.

¹ **Francesco Luti** é italiano, Professor de Língua e Literatura Estrangeira, escritor e tradutor de autores hispânicos e portugueses.

Essa ação renovadora da crítica e da revisão estética da literatura está ligada às propensões gerais que individualizavam uma fase da história apreciativa do Brasil.

Neste empenho, atualmente, temos excelentes estudos na área da historiografia literária, da sociologia da literatura e da crítica que busca sistematicamente compreender o fenômeno literário –particularmente - nas condições culturais de um país periférico e pós-colonial, como o Brasil, reverberação que se dá principalmente sob rubrica de estudo culturais.

Depois de um pequeno retrocesso na escrita, esta oportunidade, nos apresenta em hora feliz e ao mesmo tempo singular no Brasil, pois além de dar-se como memória editorial, ainda, será um continuum as falas reflexivas a crítica. Será, sobretudo, correspondente editorial a um estado que se deve chamar de história por vários motivos. A primeira, para fazer jus à verdade, é a lenta partida de certo “umbigo” cultural do qual o Brasil por motivos geográficos, lingüísticos e até da verdadeira grandeza de arte está aflorando em sua escala. A aparição de um grupo geográfico-econômico como o Mercosul também beneficia o momento: mobilizando outras frentes num Brasil que está acordando aos poucos para o resto da América, liberando-se da apartheid luso-ibérica [e quem sabe americana] que também funcionava como estigma.

A segunda motivação está ligada ao repensar crítico da literatura latino-americana em seu conjunto [concretamente desde das últimas décadas]: pelo mundo artístico da Europa e dos Estados Unidos tradicionais sedes de prestígio neste espaço e sobre o qual há muita coisa a analisar, pois coincidem signos diversos e conflitantes, como um certo “*adiantamento*” crítico eurocêntrico; a crescente movimentação de talentos das Américas nas línguas circulares da arte “internacional” e a sabida dificuldade/variação do mercado. São públicos exemplos, a revisão da história da crítica as quais incitam as obras latino-americanas a estarem presentes em bienais, livrarias e catálogos internacionais de muitos centros aludidos. A terceira, atingi a precedente, é a re-explicação de uma crítica não dependente de clichês “coloniais” (por exemplo, estrangeirismo ou a outra face paradisíaca) para revelar a composição das Américas.

No pretérito, houve um fechamento a significativa atitude crítica e ensaísta, por parte dos críticos e agenciadores latino-americanos, onde nos inscrevemos, indo cada vez mais longe, mudando algumas coordenadas estéticas de interpretação. Não é

coincidência que no mundo, agora mesmo, existam escolas importantes de literatura latina, com significativos questionamentos críticos e, um detalhe importantíssimo, sob cuidados completamente estrangeiros.

A literatura, em seu elemento representativo maior: o livro permite, portanto, reconhecer a existência de uma nova cartografia, que responde também a uma “nova descrição do poder cultural”, onde muitos elementos de caráter político, social e cultural foram desviados de seu lugar e possuem natureza ambígua ou em meio de definição. O *critical path* sintoniza com a nova posição contemporânea, pós-moderna [no tempo] outra história com os desenvolvimentos *comunicacional versus informativos*, a sociedade [outro conhecimento] com os afastamentos de signos, bens e pessoas, e – finalmente- a cultura faz outra estética com alteração indispensável de *linguagem/discurso* e o redimensionamento de seu espaço.

Várias certezas em nossa época afundaram com as reestruturações da globalização: a soberania baseada na territorialidade e a correlação do tempo apenas com um espaço, são duas importâncias que tem conseqüências multiplicadoras. Diria que o tempo é o nosso problema, é a falta de lugar. Cada vez temos mais *locação universal* em detrimento de lugar particular. Esta nova interseção do tempo/espaço gera seus próprios caracteres, paralelos históricos nos horizontes culturais da América Latina, por ser esta já uma geografia fraturada em tempos e culturas.². Abri-se, assim, um questionamento ao longo desta fala o qual não é o centro da resenha: *as incoerências da modernidade na América Latina versus Cultura* [intrinsecamente está a literatura, arte, se é que podemos diferenciar].

Nesta hora, caberia mapearmos neste espaço discussões de dois gumes: globalização, identidades, mercado, temas que atravessam transversalmente as páginas de vários textos e autores. É percebida a presença majoritária de textos de natureza sociológica e de juízo cultural (sem esquecer da antropologia), visto que estes estudos porventura expressem mais agudez <agora> do que a “filosofia da literatura” e suas necessidades ontológicas. Como se a iminente indagação dela fosse mais ampla, mais cultural do que artística. Ou dito de outra forma, os problemas da prática literária ultrapassam o terreno estético. Esta discussão deixa inserir a explicação extrínseca dela

² Vejamos pelo termo “latina” conduz sinais da colonização na proporção que traduz uma exclusão de outros membros.

—dada aos estudos culturais. Situações, destas propriedades, de perspectivas plurais podem permitir vários itinerários conceituais.

A via proposta a esta resenha aponta três prioridades que estimulam cuidados-*mor* e aproveitamento: Em primeiro ponto, a *identidade*: sempre existiu na América Latina esta problemática na sua história, com as rupturas limítrofes do nosso tempo, convertendo-se em curiosidade a técnica de interculturalidade, e até mesmo de intertextualidade. O nascimento de identidades em mudança como consequência da implosão de perpetuar o sujeito e vincular as realidades diversas por meio das indústrias culturais concorda com a preocupação que o continente americano já tinha pela sua origem mista ou réplica, como se a pós-modernidade se aliasse à condição histórica da América Latina.

A releitura plural de tradições e culturas seria uma outra característica pós-moderna da ibero-latina [e isto talvez justifique o uso das palavras de Jorge Luis Borges, com uma certa frequência, como exemplo figurado, em textos de arte]. Nisto também, o Brasil é um agora depurado, que aumenta seu papel na multiplicidade artística de hoje. A questão da identidade conduz a outro problema: o da mudança, sendo esta um atributo do centro; subsequente, seria qualidade da periferia.

Esta sinopse é o arcabouço o qual nos possibilita ler —ainda— este território como uma interpretação do veio aplicado, ou, como sua diferença: o que continuaria sendo uma nova versão do exotismo de outras épocas. O perigo não é imaginário quando lembro ter visto em livrarias européias alguns modelos disfarçados de literários, literatura como puro estereótipo estético de consumo. As dissimetrias entre centros/periferias e a voracidade da mercantilização cultural do capitalismo podem colocar a latino-américa num dissenso ou marginalidade produtiva, num argumento similar ao que acontece com a música que se inscreve com a etiqueta *x, y, z*, utilizada para tudo o que não é música do centro ou de essência. Há quem transfira está questão da identidade para a legalidade, ou seja, para o seu lado político: ligações de influência entre o Primeiro e o Terceiro Mundo, os centros e os não-centros. Ao salientar a origem variável e hierarquizante da globalização (máscara econômica, segundo Alain Touraine), enfraquece certa esperança dominante e repõe as organizações econômicas e o poder em seu lugar. De modo que sempre temos a capacidade para perguntar-nos: há perspectivas de legalidade a partir das margens?

Sabemos: os centros de poder são os núcleos de discurso. Em outras palavras, a literatura e a arte em sim das Américas ou faz parte do estilo *mainstream internacional* ou exige outra re-inserção diferente com nome próprio, mas fazendo parte da história. Seria um dialeto no *discurso/língua* central da literatura ocidental ou sua diferença? Esta nova realidade latino-americana -no mundo- força a que se crie outra história literária afligindo os limites do discurso estabelecido e até alguns conceitos históricos canônicos, sobretudo, quando há literatura na América Latina que é *a-moderna* ou *pré-moderna*, estrangeira na história da evolução capitalista.

A última relação conflituosa detectada é criada entre a cultura e a arte. O problema está embutido nas páginas de várias assinaturas, na proporção que o estudo do capital simbólico – o qual representa a literatura – vê-se muitas vezes mediatizado pelo sistema cultural dominante, ou equiparado pela saturação de elementos e produtos visuais à procura de alguma significação simbólica.

Portanto, a universalidade da imagem é, de fato, uma maneira de extinguir o olhar. Nele estaríamos junto do mero consumo que da necessidade estética, numa ficção da realidade na qual a escrita representaria ainda a esperança de ser a atividade prática por primazia da criação do sentido. Com esta idéia procura restabelecer o desequilíbrio de forças entre o literário e o mercado. De algum modo formal, temático e moral concorre à obra de arte; e temos que reconhecer, por nossa parte, que a própria publicidade e até os meios de comunicação e diversão, às vezes, raptam a seus falsos sentidos. Caso ocorra tal possibilidade, é o mercado convertido na verdadeira levandade onde antes era o fantasma do Estado.

Finalizando, o desejo –aqui - foi de atingir o epicentro [quiçá, do momento] e de algumas questões da arte num geral das Américas, para poder chegar a uma interrogação mais rica. A cultura da América Latina submete-se a um duplo trabalho: fazer as mesmas indagações de um ocidente, todavia, incapacitada de dar-se as mesmas soluções. Mas ainda, como única ressalva para uma obra que mais que necessária é importante, deve-se fazer a revisão dos textos, entretanto que não incomode desnecessariamente uma leitura tranqüila. Aqui deixo as palavras de um mestre latino americano e quiçá uma proposta:

Meios de Comunicação - Mario Benedetti³

*Não é necessário que sejas mensageiro/
A simples pomba à tua janela
Informa-te que a dor
Começa a balançar-se no esquecimento
E chega a mim para te dizer
que somos o rio o girassol e a estrela
Girando sem obstáculo/
O futuro se aproxima para te conhecer
Já o sabe/sem tropeços nem bengalas
A melhor tradução é boca a boca
Num beijo bilíngüe
Circulam as boas às notícias.*

Por Francesco Luti:

Acredito que para dar uma resposta a esta interrogativa devemos partir de algumas considerações gerais - pelo menos - as quais se referem à realidade: os meios de comunicações vigentes. Partirei de alguns conceitos, pois me parecem fundamentais. Por intermédio deles é possível remontar uma situação cuja condição seja tipicamente italiana, concernindo, no mínimo, em parte, a todo o resto do mundo.

A primeira observação pertence aquela que hoje pode ser definida o “*cumprimento intelectual*” e a conseqüente crise à batalha pelo o realismo social que se mostrou caracterizar no plano literário um hipotético compromisso político do escritor. O *cumprimento intelectual* mostra efetivamente constituir uma informação com a qual devemos, inevitavelmente, comparar todos os setores da literatura e -em especial- a crítica literária. Se for preciso um exemplo, deverá persistir a respeito de uma apreciação que, hoje, assemelha-se individualizar a própria função em atenção aos aspectos lingüísticos-formais da obra literária com a conseqüente defesa de uma arte a qual não sabe mais trazer mensagens, negando as regras pré-estabelecidas e aspectos de caráter universal. Portanto, alcança uma evidente crise de todas as ideologias, dos formatos da criação e da crítica; como dizer a um literário, a um artista, a um crítico que isto dito não é mais o suporte de uma ideologia; mas ao contrário, o restabelecimento de um modo de ser peculiar na impertinência ideológica dominante no mundo

³ Tradução própria da Poesia de Mario Benedetti, *Medios de comunicación*.

contemporâneo, totalmente, escravizado também ao consumo imediato no âmbito da cultura.

Afinal de contas, é fácil convir que realmente no mesmo momento em que a obra literária subtrai da própria realidade: a história, a evolução e a ideologia, separando-a desta ação. É um passo aonde podemos recuperar a realidade na sua *neutralização* [em seu grau zero]. Para qual o crítico, hoje, aparenta mudar-se a superficialidade procurando apoio unicamente na absoluta singularidade da obra.

Há algum tempo, portanto, é assim na Itália [e não somente no estado ítalo] que o meio crítico nos dá a impressão de ter afirmado uma profissão explícita de anti-historicismo fundada na proclamação da *non sensi* da história, na declaração repetida de sua inutilidade e também no seu fim às sensações artísticas. Bem, parece-me irrefutável que se deva desviar do levantamento de algumas constantes no âmbito crítico, para compreender uma situação de fato caracterizada pela projeção tradicionalista do contexto literário internacional. Porém, é evidente que não se pode nulificar - apressadamente- com uma classificação cômoda, um fenômeno complexo o qual emerge suas raízes num violento e rapidíssimo processo de transformação, envolvendo a todos os níveis da sociedade contemporânea. Isto imposto é, todavia, a uniformidade do espaço a ação concedida à literatura no centro do processo produtivo atual. Ele é o fenômeno de englobamento dentro das dobradiças do sistema consumista das vozes mais discrepantes, de forma a estabelecer uma base conservadora muito ambígua dentre os quais: os habituais cânones de discernimento decisivo ratificado por uma firme tradição ideológica. Não convindo mais conotar um lado o progresso e do outro a preservação do estado de fato. È um dado incontestável -na minha opinião- que este fenômeno amalgamado de estilos seja ação do tempo em todo o mundo.

A partir do decênio 70/80, deveria ser para a crítica coetânea o período da grande aquisição aos novos instrumentos investigativos e para as novas áreas de conhecimento – principalmente - em relação ao ingovernável desenvolvimento tecnológico na comunicação. Ao invés disso, é transformada num modelo lendário do sistema textual cujo método justifica o restabelecimento absoluto e não funcional do componente irracional - ou melhor, da superficialidade ideológica estabilizada seguramente na consolidação progressiva do sistema neocapitalista. Por esta razão, jubila-se a utilização de novas disciplinas e o recurso para importância científica os

quais compete. No contrário, deve-se lamentar aplicação indiscriminada inverossímil da própria manifestação científica no espaço da crítica de arte e literária. Conseqüentemente, a ausência do irracional ao lado e em posição dialética nos confrontos da racionalidade, ainda sim o misticismo do absurdo empregado como exclusivo elemento de interpretação do real. Para desviar a aceitação passiva do condicionamento formalístico e irracional considerado como único aspecto dinâmico da cultura literária e artística pode-se apresentar – tal e qual acontece hoje - como única expressão possível de cada operação restauradora; isto é, um verdadeiro retorno a um passado distante: o período *Novecento avanguardistico*⁴, que se pensava concluso para sempre. Hoje, o que pôs em crise o país de Michelangelo [e fora dele] é a relação que nesta hora deve unir o intelectual à fortalecida ação social e política. Aceitar a consolidação pessimista da crítica significa renunciar, neste momento, as últimas responsabilidades peculiares na história.

Estou convencido – atualmente - da oportunidade reflexiva, própria para individualizar as vias tendenciosas cujas direções, nos últimos, anos chegaram aflorando na crítica coeva até constituir-se tentativa de fechamento ou de liquidação a toda possibilidade de identificação entre a obra de arte e o contexto histórico social. Trata-se, ao contrário, [e esta é a minha opinião] em apontar àquela coligação distante de 1963, cuja junção aludia Ítalo Calvino como a única escolha do gênero para garantir à literatura a saída de uma condição minoritária: [escrevia Calvino] «é chegada a nós quando compreendemos que os donos da verdade continuarão sendo um a cada dez minutos; mas é bonito ver que toda vez, és capaz de construir a ponte para passar de uma parte a outra e continuar o teu caminho. Só com esta atitude poder-se-á ainda ter sucesso para ver as coisas que serão novas, e com a outra continuará a repetir sempre o mesmo discurso como um realejo e ver cinza a todos os gatos ».⁵

Parece-me que o discurso de Calvino pode ser considerado válido nos confrontos propensos da crítica contemporânea. Porque, realmente, as condições fixadas pela realidade de vida são hoje o resultado do consumo da literatura, sempre é mais decisivo

⁴ A classificação italiana à literatura é dada através da centena. A expressão citada *Novecento avanguardistico* corresponde a Literatura do século XX.

⁵ Transposição ao português própria do pensamento: “è avvenuta per noi quando abbiamo capito che di scacchi alla ragione continueranno ad essercene uno ogni dieci minuti, ma il bello è vedere ogni volta quale ponte sei capace di costruire per passare dall’altra parte e continuare la tua strada. Solo con questo atteggiamento si potrà ancora riuscire a vedere nuove le cose che saranno nuove, con l’altro si continuerà a ripetere sempre lo stesso discorso come un organetto e a vedere grigi tutti i gatti”.

[acredito no desequilíbrio entre o custo de produção literária e o nível mediano de vida]; impõem-se ainda pela crítica renovações capazes de serem determinantes no ato da criação intelectual e no seu modo de consumo. Isto significaria atribuir ao crítico uma função além da sua própria funcionalidade: o crítico é um administrador da atividade intelectual, ele é que pode influenciar de alguma maneira e direcionar, ele deve unir e não somente mediar no próprio discurso o instante criativo e do consumo (e não é como hoje); como afirmava o grande crítico e poeta, Franco Fortini: «um agente da distribuição ou, no mais nobre dos casos, o guarda-costas da hereditariedade⁶» Esta situação confirma ao meu ver, a dúvida que havia expressado no título nesta breve intervenção, as certezas a respeito do destino atualmente da literatura. As palavras habituais que são comumente usadas na crítica conservadora e progressiva de direita e de esquerda, talvez não correspondam mais à situação atual e não podemos mais fazer justiça à calviniana confusão de estilos. Tinha razão, afinal de contas, o prêmio Nobel Eugenio Montale quando julgava *todos*⁷ equivalentes (mas evidentemente, Montale forçava à sua maneira os finais do problema.); agora, não é somente na questão da renúncia à etiqueta da crítica literária; é o inverso, estamos a jogar com a sobrevivência da autonomia e da liberdade de julgamento.

Francesco Luti é italiano, Professor de Língua e Literatura Estrangeira, escritor e tradutor da língua hispânica e portuguesa.

⁶ Guardas-costas da hereditariedade pode ser entendido como guardião da herança crítica.

⁷ Eugenio Montale usava a expressão *chierici rossi e neri* (clerigos vermelhos e negros). Dentro deste contexto poderíamos usar o ditado popular *todos numa mesma panela*, tornando-os semelhantes.